

**CRISTINA MARIA PEIXOTO BERBERT LIMA
SANDRA CRISTINA BORGES PEREIRA DE SOUZA**

**SINDICATO E ESCOLA: ALGUMAS CONSIDERAÇÕES
SOBRE A FORMAÇÃO POLÍTICA DO EDUCADOR
DA ESCOLA PÚBLICA DE ENSINO FUNDAMENTAL**

Monografia apresentada como requisito parcial para a obtenção do grau de Especialista, no Curso de Pós- Graduação em Educação, da Universidade Federal do Paraná, sob a orientação da Professora Andréa do Rocio Caldas Nunes.

**CURITIBA
NOVEMBRO – 2000**

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
SETOR DE EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE PLANEJAMENTO
E ADMINISTRAÇÃO ESCOLAR
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO
EM ORGANIZAÇÃO DO
TRABALHO PEDAGÓGICO**

**SINDICATO E ESCOLA: ALGUMAS CONSIDERAÇÕES
SOBRE A FORMAÇÃO POLÍTICA DO EDUCADOR
DA ESCOLA PÚBLICA DE ENSINO FUNDAMENTAL**

3

**CURITIBA
2000**

“ Se deixar-se educar pela classe operária (através das devidas mediações) é uma necessidade, a fim de que o professor consiga compreender e inserir o seu trabalho no contexto social em que se dá, também é necessário deixar-se educar pelos seus próprios pares. Só assim o que há de comum e o que há de específico chegam a ser compreendidos em unidade. Só assim a condição de trabalhador intelectual da área da educação será compreendida sem reduções apressadas”. (Maria Luisa Santos Ribeiro).

“Agradecemos primeiramente a Deus pela conclusão de mais essa etapa em nossas vidas e dedicamos este trabalho à nossa Professora Andréa do R. Caldas Nunes pelo carinho, dedicação e compreensão, bem como, para nossa irmã e amiga Elisa que esteve presente na nossa caminhada.”

RESUMO DO PROJETO

O presente projeto tratou de investigar como as relações de produção, num processo contraditório, têm contribuído na formação do educador da Escola Pública de Ensino Fundamental, em relação à compreensão do seu papel na superação do modelo social vigente, entendendo-se como contraditória a dicotomia entre o que se faz e o que se diz.

Para tanto, foi realizada uma análise de entrevistas para identificar se, nas relações sócio-políticas e, essencialmente humanas, ter consciência social e, portanto política, poderá trazer ao educador indagações e exigências que lhe cobrem a participação efetiva no processo pedagógico, de maneira que, muitas vezes, sua intencionalidade particular tenha que ceder à intencionalidade coletiva.

Assim sendo, pretendeu-se com este estudo, levantar dados através de uma pesquisa de campo junto aos profissionais da educação que atuam nas Escolas Públicas de Ensino Fundamental da Rede Municipal de Araucária, que revelem se a participação do educador na prática política e produtiva pode ou não ficar contida entre as paredes de seu restrito ambiente de trabalho: a escola; quais os motivos que impedem esse educador de atuar de modo efetivo junto à classe trabalhadora; se seu aprendizado nas relações de trabalho lhe dão a competência suficiente para interferir em todas as instâncias que compõem a vida social; se esse profissional trabalha em educação, considerando-se que trabalho é a síntese entre teoria e prática.

Identificou-se a partir dessa análise, a necessidade de que esses educadores tenham mais que a "clareza política", e sim a efetiva prática política como elemento de reeducação e formação, levando-os para além do "saber político" ou uma opção teórica, até a cumplicidade prática com um projeto mais amplo de construção de uma nova sociedade.

SUMÁRIO

RESUMO DO PROJETO	01
1- INTRODUÇÃO	02
2- CAPÍTULO 1 : A Formação Política do Educador	06
3- CAPÍTULO 2 : Investigando a Participação do Educador Enquanto Elemento de sua Formação Política	10
3.1 A posição de professores(as), pedagogos(as) e sindicalistas frente à sua atuação na escola e no sindicato.....	11
3.1.1 Opção pelo magistério e atuação na escola pública.....	11
3.1.2 A mudança de profissão.....	13
3.1.3 Perfil da categoria.....	14
3.1.4 Participação na escola.....	16
3.1.5 Contato do sindicato com a escola.....	18
3.1.6. Políticas Educacionais.....	19
3.1.7 Participação dos professores no sindicato.....	20
3.1.8 Atuação / função / importância do sindicato.....	22
3.1.9 Fatores que dificultam a atuação sindical.....	26
3.1.10 Conquistas concretizadas	30
3.1.11 Conquistas necessárias.....	32
3.1.12 Formação acadêmica x participação: influência na formação política.....	34
CONSIDERAÇÕES FINAIS	36
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	40

INTRODUÇÃO

Este estudo buscou compreender o processo de formação política do educador, a partir da investigação dos condicionantes que contribuem ou excluem esse educador de efetuar uma prática docente mais comprometida e mais competente. Para fazer essa análise, buscou-se na escola e no sindicato, a partir de entrevistas realizadas com profissionais da educação do ensino fundamental atuantes na rede municipal de Araucária (num total de 10) e dirigentes sindicais (num total de 5, do SISMMAR), levantar dados qualitativos a partir de todo o material obtido através das entrevistas, com o objetivo de identificar as relações existentes entre o trabalho docente realizado no interior da escola e a participação política.

A escolha dos (as) entrevistados(as), procurou atender a dois critérios, dentro da concepção de pesquisa qualitativa, a variedade e a saturação. Ou seja, buscou-se sujeitos representativos de grupos assim definidos:

- quanto à atuação: professores(as) das séries iniciais do ensino fundamental da rede municipal de Araucária; pedagogos(as); diretores(as);
- quanto à participação política: profissionais da educação com pouca ou nenhuma participação sindical; com atuação sindical e dirigentes sindicais.

A quantidade de entrevistados atendeu portanto à representatividade destes grupos, aferida a partir do critério da saturação (quando as entrevistas deixam de apresentar elementos novos e relevantes para a pesquisa).

As entrevistas foram realizadas a partir de um roteiro estruturado, de forma semi-orientada, onde os entrevistados(as) tinham liberdade de ampliar as suas colocações, enriquecendo assim as informações acerca do assunto.

Desta forma, procurou-se levantar informações acerca:

- da opção pela profissão docente;
- da atuação na escola pública;
- da possível mudança de profissão e de emprego;
- do nível de participação nos processos decisórios no interior da escola;
- do conhecimento das políticas educacionais;
- da importância da atuação sindical;
- dos fatores que dificultam essa atuação;
- das ações desenvolvidas pelo sindicato, que reafirmam a sua importância enquanto instrumento de representação, luta e conquista.

Além destas questões, elaborou-se algumas que visaram levantar dados pessoais (sexo, idade, estado civil, escolaridade, tempo de serviço, atuação profissional e carga horária) a fim de identificar diferenciações entre os comportamentos e opiniões.

Posteriormente à coleta dos dados, buscou-se analisar as informações oriundas das entrevistas, à luz dos estudos teóricos publicados acerca do tema abordado no presente trabalho. A partir dessa fundamentação, no primeiro capítulo, pretende-se que seja feita uma reflexão acerca do educador, enquanto indivíduo capaz de elaborar criticamente a atividade intelectual, no sentido de uma tomada de consciência de qual é o seu papel dentro de uma escola criada no bojo de uma sociedade capitalista.

Entretanto, para que se possa atingir o objetivo a que se propõe esse estudo, é necessário que se faça uma análise dialética sobre a atuação desse profissional em educação

que venha a contribuir na formação política desses educadores que desejam transformar sua prática num instrumento de luta e superação de uma sociedade opressiva.

No segundo capítulo, busca-se, após toda a reflexão precedente, relatar a posição de alguns profissionais atuantes em escolas públicas do Ensino Fundamental, analisando o posicionamento político e profissional, bem como, o nível de participação no órgão representativo da sua classe.

A partir dessa análise, torna-se possível chegar a alguns pressupostos de como o profissional da educação atuante na Escola Pública de Ensino Fundamental se coloca frente a uma proposta de participação mais ampla e significativa, na busca de superação de um modelo educacional burguês exercendo, de fato, o papel de um *"intelectual dirigente marcado pela consciência política, capaz de pensar criticamente a realidade e se manter vinculado à classe trabalhadora, comprometido com sua luta política e com o esforço de ajudá-la a também pensar criticamente essa mesma realidade"*. (SILVA, 1992, p. 14).

Isso significa que os profissionais da educação precisam estar organizados e articulados para caminharem em direção à construção de uma nova sociedade.

Aponta-se portanto o sindicato, como um importante instrumento de organização e representação que pode contribuir nessa ação transformadora. Para tanto, é preciso que haja uma relação de cumplicidade entre os dirigentes sindicais e os profissionais da educação, para que toda ação seja destinada a um projeto social amplo e não individual.

"Compreender esta ação dos profissionais da educação, a partir de sua práxis na escola e no sindicato, significa compreender que são estes educadores, como se organizam na luta pelo controle do seu trabalho, e na articulação com os demais trabalhadores". (NUNES, 1998, p. 8).

Por fim, aponta-se a necessidade de que haja uma maior preocupação e mobilização no sentido de fornecer subsídios para que os profissionais da educação ampliem a sua participação política para que tenha-se de fato, condições de lutar pela construção de uma sociedade mais justa.

A partir de toda essa análise, espera-se apontar elementos que venham a contribuir/ instrumentalizar os profissionais da educação para que desempenhem de forma competente e comprometida a sua ação docente, a fim de superar estruturas que atendem a interesses dominantes tendo em vista a construção de uma escola que venha a atender os interesses da maioria, ou seja, das camadas populares, que historicamente foram excluídas do sistema escolar e, conseqüentemente, privadas de ter acesso ao conhecimento historicamente produzido pelos homens, que poderia lhe instrumentalizar para atuar no processo de produção, ultrapassando os limites da condição de trabalho manual.

"A educação sempre foi política, o que precisamos é ter clareza do projeto político que ela defende, politizando- a. Antes de pensarmos em formar profissionais do ensino é preciso que saibamos que modelos sociais iremos transmitir, que conteúdos estamos veiculando, de que classe estamos defendendo, de que ponto de vista estamos pensando a educação: do ponto de vista do povo ou do sistema?"(GADOTTI, 1990, p. 140).

Pode-se refletir acerca da citação de Moacir Gadotti, que é na formação do profissional da educação que se encontra o ponto central para a transformação do modelo educacional que está posto.

CAPÍTULO I

A FORMAÇÃO POLÍTICA DO EDUCADOR

Historicamente, no decorrer da formação, o professor foi preparado intelectualmente para atuar numa escola que atendesse, preponderantemente, aos interesses da classe dominante. Para isso, portanto, tanto na sua formação secundária (Magistério), quanto na sua formação acadêmica (Nível Superior), as idéias, os valores, enfim, a cultura transmitida deveria ser a mais clara expressão de que este sujeito - o professor - viesse a desempenhar o papel a ele delegado: o de intelectual orgânico da burguesia.

No entanto, ao longo dessa formação e atuação as contradições foram se desenvolvendo e exigindo um posicionamento diferente desse profissional da educação. Vários fatores marcaram a necessidade de se rever a posição desse profissional: o empobrecimento econômico e político, a desvalorização da categoria, o surgimento de propostas mais progressistas em educação, a necessidade de organização e direção da ação levando à reflexão e conseqüentemente, à mudança da situação concreta em que se encontrava a categoria.

Assim sendo, tornou-se cada vez mais necessário romper com o modelo escolar constituído no interior de uma sociedade capitalista, que é essencialmente divisionista e reprodutor, no qual o professor deveria ser formado para atuar como um agente que perpetuasse, através da ideologia embutida no seu discurso, a divisão social, a reprodução de dominação que significava essa divisão.

Nesse trabalho, fez-se uma investigação com o objetivo de levantar dados reais que possibilitassem uma reflexão por meio de entrevistas sobre a relação entre a formação do profissional da educação, compreendida a partir dos determinantes históricos, sociais e

econômicos e o processo de formação humana, onde se inclui a formação acadêmica que nesse trabalho é considerada o ponto central para o desvelamento de um modelo escolar capitalista e, conseqüentemente, a sua transformação.

Por isso, entende-se ser essencialmente, mas não exclusivamente durante a formação desse educador que se favorece a compreensão da relação entre sua prática pedagógica e sua prática social, partindo do entendimento de que a educação é um processo de produção e não de inculcação, que incorpora as relações sociais e a práxis como processos educativos.

Segundo Gramsci (1978, p.12), isso só pode realmente acontecer na medida em que esse indivíduo iniciar um processo de elaboração crítica de consciência daquilo que é realmente, isto é, um "conhece-te a ti mesmo" como produto do processo histórico até hoje desenvolvido e que deixou na sua forma de pensar uma infinidade de ideais e valores. Aponta-se, portanto, para a necessidade de que esse educador tenha uma visão de mundo criticamente coerente e uma consciência da sua historicidade, pois não é possível pensar e compreender o presente sem analisar a sua formação humana, ou seja, partir dos problemas gerados pela história de todos os homens.

Essa necessidade de enfrentamento das contradições existentes no decorrer da sua história é um dos fatores que poderá desenvolver a consciência e levar o professor a uma ação efetiva que lhe possibilite avançar nas reflexões acerca das suas reais condições (de trabalho e de vida).

Tem-se como hipótese de trabalho que a partir do momento em que se possibilita ao professor uma tomada de consciência de que precisa se constituir num intelectual dirigente, pode-se então, resgatar sua necessidade de formação tanto acadêmica como

política, como fonte de mediação para se efetivar uma prática politicamente voltada aos interesses da classe trabalhadora.

Nessa perspectiva, o professor, enquanto elemento intelectual inserido no interior da escola, para assumir a tarefa de agente difusor do conhecimento sistematizado às camadas populares, precisa ter clareza de que, mesmo tendo uma formação acadêmica adequada, precisa ter acesso à uma formação continuada que resignifique a sua prática político-pedagógica.

Considera-se, portanto, que a formação acadêmica é, pois, necessária, embora não seja suficiente para que se efetive na prática o compromisso político com a classe trabalhadora, que poderá possibilitar uma atividade prática transformadora. Sob esse ponto de vista, Vásquez se coloca muito bem:

"A teoria em si não transforma o mundo. Pode contribuir para sua transformação, mas para isso tem que sair de si mesma, e, em primeiro lugar, tem que ser assimilada pelos que vão ocasionar, com seus atos reais, efetivos, tal transformação. Entre a teoria e a atividade prática transformadora se insere um trabalho de educação das consciências de organização dos meios materiais e planos concretos de ação; tudo isso como passagem indispensável para desenvolver ações reais, efetivas. Nesse sentido, uma teoria é prática na medida em que se materializa, através de uma série de mediações, o que antes só existia idealmente, como conhecimento da realidade, ou antecipação ideal de sua transformação." (VASQUEZ, 1982, p. 206).

Portanto, entende-se que é principalmente, a partir de um pensar e agir coletivo, que se poderá iniciar um processo de transformação do modelo educacional que está posto, garantindo assim um compromisso com os interesses das camadas populares, na medida em

que se possibilita maior clareza política sobre como se deu o processo de dominação entre os homens, instrumentalizando-os para que desenvolvam uma concepção de mundo coerente que permita buscar formas de superação dos modelos impostos no decorrer da história.

Percebe-se aí, o ponto fundamental desse estudo, investigar o modo como professores, diretores e pedagogos vêem a importância de assumir uma participação política na escola e no sindicato, analisando possibilidades de refletir sobre a sua ação educativa para que a mesma se constitua numa prática direcionada aos interesses da maioria da população, prática tal que, acreditamos, poderá contribuir no avanço dessa classe, no sentido de torná-la apta a superar os mecanismos de dominação e exploração impostos pelo modelo social vigente, o capitalista.

CAPÍTULO II

INVESTIGANDO A PARTICIPAÇÃO DO EDUCADOR ENQUANTO ELEMENTO DE SUA FORMAÇÃO POLÍTICA

No contexto da educação escolar pública que se insere numa sociedade organizada em torno do modo de produção capitalista, consideramos que a principal discussão e análise deve ter como foco a figura do educador, um dos agentes principais da disseminação ideológica burguesa, desde a origem da escola pública.

Porém, acreditamos que, no interior desse modelo social, não tem sido permitido a esse educador elaborar criticamente o conhecimento sistematizado durante seu período de formação, nem tão pouco, participar de forma efetiva da constante reelaboração desse conhecimento em sua prática pedagógica.. Cabendo a ele, apenas repassar o saber imposto, para ser transmitido pela escola sem que ao menos pudesse fazer uma análise de como se deu o processo de construção do conhecimento a ser transmitido. No entanto, é preciso pensar o papel desse educador a partir de uma concepção que leve em conta todo o processo de formação histórica dos homens, pois sua práxis é eminentemente produto da história. Assim, bastante coerente se mostra o pensamento gramsciano:

(...) deve-se conceber o homem como uma série de relações negativas (um processo), no qual, se a individualidade tem a máxima importância, não é, todavia, o único elemento a ser considerado. A humanidade que se reflete em cada individualidade é composta de diversos elementos: o indivíduo, os outros homens e a natureza. (GRAMSCI, 1978, p. 39).

A partir daí, pode-se dizer que "a prática do professor não pode estar desvinculada de um sentido político e que também se realiza através da sua incompetência ou competência técnica". (MELLO, 1987, p.15) . E essa competência só pode ser adquirida através de um processo contínuo de formação, bem como na real participação do educador

na prática política e produtiva que vai além das paredes de seu restrito ambiente de trabalho: a escola.

Nesse sentido, buscou-se conhecer as visões de professores (as), pedagogos(as) e sindicalistas sobre a escola, o sindicato e a participação desses profissionais nessas duas instâncias democráticas, considerando-se ser este, o momento oportuno para tentar entender, a participação como uma das formas de contribuir, para abrir caminhos, a priori, no interior da escola e do sindicato, para a construção de um novo modelo social que supere o vigente, e, posteriormente, alcançar instâncias maiores de atuação social.

A posição de professores(as), pedagogos(as) e sindicalistas frente à sua atuação na escola e no sindicato

A seguir apresentaremos trechos da fala dos entrevistados a respeito de: opção pelo magistério e atuação na escola pública, mudança de profissão, perfil da categoria, participação na escola, contato do sindicato com a escola, políticas educacionais, participação dos professores no sindicato, atuação/função/importância do sindicato, fatores que dificultam a atuação sindical, conquistas concretizadas, conquistas necessárias, formação acadêmica x participação.

1. Opção pelo magistério e atuação na escola pública

A formação acadêmica dos profissionais da educação foi marcada pela falta de um conhecimento articulado entre a teoria e a prática pedagógica. Os cursos de formação de

magistério estiveram durante um longo período desvinculados de um fazer real, de uma práxis educativa, evidenciando apenas o seu aspecto utilitário e individual constituindo em uma formação fragmentada.

Assim, evidencia-se através dos relatos dos profissionais da educação entrevistados, que a escolha do magistério foi determinada pela falta de opção de ingresso em outros cursos de formação secundária.

"Na época era uma das poucas opções e como era no período da tarde as mocinhas da cidade deveriam cursá-lo, só as mais arrojadas estudavam à noite. Foi uma opção induzida, não tinha outra. Porém, sempre me perguntavam o que eu queria ser, eu respondia: PROFESSORA. Atuar na escola pública foi a minha opção por querer trabalhar com as classes populares." (Professora da rede municipal de ensino)

"Magistério era a única opção na época em que iniciei o 2º grau. Atuar na escola pública porque fiz o concurso e passei". (Pedagoga da rede municipal de ensino)

"Por gostar e por ser influenciada por uma diretora que dizia ao pessoal da secretaria que quando eu chegasse lá para fazer a matrícula, não poderia ser para o curso de Contabilidade e sim para o Magistério". (Professora da rede municipal de ensino)

Alguns professores atribuíram à opção pelo Magistério ao fato de se sentirem envolvidos, de alguma forma, por gratidão, já que muitos sempre estudaram em escolas públicas e outros por se identificarem com a profissão.

"Optei porque sempre estudei em escola pública e tenho que dar valor à escola pública". (Professora da rede municipal de ensino)

"Identifiquei-me com a realidade da escola pública e porque tive experiências desagradáveis na escola particular". (Professor da rede municipal de ensino)

2. A mudança de profissão

Pode-se evidenciar a partir dos relatos feitos pela maioria dos professores entrevistados que, apesar das dificuldades encontradas, gostam do que fazem e não demonstram interesse em mudar de profissão, independente da forma como iniciou o Magistério.

Porém, alguns fatores foram, apontados como sendo de insatisfação para alguns entrevistados, tais como: baixos salários, falta de incentivo à uma formação continuada no próprio espaço de trabalho e jornadas excessivas.

Se por um lado aparece um certo senso crítico em relação às reais condições de trabalho, por outro evidencia-se a dificuldade do professor em perceber sua formação deficitária como elemento que o impossibilita de participar de uma forma mais ampla e conseqüentemente, buscar a valorização da sua categoria

"Gosto da profissão. Não me encaixaria em outra, só se fosse ligada à arte, à criação, com a rotina de máquinas eu não me daria bem". (Professora da rede municipal de ensino)

"Gosto do que faço, mas acho que o salário baixo prejudica muito; a gente necessita de momentos de estudo e não conseguimos devido ao tempo e à falta de condições". (Professora da rede municipal de ensino)

"Não mudaria de emprego e nem de profissão, se tivesse feito Contabilidade estaria arrependida porque gosto muito do que faço, me realizo". **(Professora da rede municipal de ensino)**

Destacamos apenas uma exceção onde o relato da entrevistada expressou a vontade de mudar de profissão, justificando o seu distanciamento em relação à participação política e sindical.

"Se pudesse mudaria hoje mesmo de emprego e de profissão. Ganho pouco, trabalho muito". **(Pedagoga da rede municipal de ensino)**

3. Perfil da categoria

Na abordagem desse trabalho, entende-se por perfil a descrição circunstanciada de um determinado grupo (categoria), feita a partir de elementos evidenciados no discurso expresso nas entrevistas. O interesse em buscar o traçado desse perfil foi reforçado pelo fato de não haver nenhum tipo de registro junto ao Sindicato dos Servidores do Magistério Municipal de Araucária, do perfil do professor atuante na Rede Municipal de Ensino, havendo no entanto, nesta atual gestão, a intenção de se viabilizar oportunidades de manifestação e participação dos professores em diferentes espaços de discussão, apresentação de propostas e tomadas de decisões com relação aos vários assuntos inerentes à categoria, momentos estes, propícios para iniciar um levantamento do perfil desses professores.

“Nós não temos nenhum trabalho sistemático sobre isso, mas nós lá do SISMMAR tentamos propor os vários espaços onde os professores possam participar e estar levantando o que eles pensam sobre vários assuntos que estão em pauta. A gente vê que há uma dificuldade da grande maioria dos professores em se perceber capaz de fazer intervenções, de contribuir, muitos reclamam dentro das escolas das decisões que são tomadas que vêm “goela abaixo”, mas às vezes, os espaços que existem para que eles possam dizer como devem ser encaminhadas as questões, isso vários momentos nós percebemos que muitos professores não consideram importante (sic) esses espaços e não sabem aproveitar adequadamente. Mas por outro lado, em contrapartida, nós achamos que deve (sic) continuar havendo quanto mais espaços nós pudermos criar de participação, será melhor, para aprender a participar, a gente não nasce com esse conhecimento, vai aprendendo no decorrer, aprende a caminhar, caminhando...”

Pela qualidade da participação de alguns professores, isto nos impulsiona a continuar sempre investindo nesses momentos de participação, que nós devemos escutar o que eles têm a dizer.

Não teria um perfil do professor, a categoria é muito heterogênea, então nós temos que trabalhar coletivamente, uma gestão que se proponha democrática tem que ouvir todas essas vozes e posturas diferentes, pensamentos...”

Nós procuramos fazer isso e discutir até que se consiga um consenso, provisório, mas é o que conseguimos encaminhar no momento”.(Dirigente sindical)

“Como é que eu vou poder falar para você sobre a categoria, ainda não temos um levantamento... Eu acho assim, não só aqui mas o professor em geral, infelizmente em nível sindical a gente está muito amador, o nosso pensar ainda não é como o sindicato dos

metalúrgicos petroquímicos, mas existem pessoas que apesar de estarem no magistério, não conseguem entender que a gestão pedagógica é também questão política, não falo que é todo mundo, mas é uma grande maioria do magistério da escola pública que não se vê como trabalhador, se acha acima do trabalhador em geral, então ele não consegue se visualizar dentro da classe trabalhadora, eu sou professor não me coloco como trabalhador, então fica mais difícil de trabalhar essa questão política até que você começa a cutucar um e outro e perceber que a gente está rodeado de uma série de coisas que interferem na escola, e que essas coisas têm que sair de lá e vir para cá e vice-versa. Seria bom se a gente pudesse ampliar esse sindicato, no sentido de colocar os trabalhadores em educação, e depois maior ainda, dos funcionários públicos e aí sim, você conseguiria aglomerar pessoas, idéias de um e de outro aí começaria a pipocar um monte de coisas e não acabaria ficando um corporativismo dos professores.

Então eu vejo hoje o perfil do professor assim, bastante corporativista, pensando no seu próprio umbigo, sem entender as questões sociais claras que estão lá e que interferem no dia-a-dia dentro da escola, e no dele e do sindicato, e que este deve ser cobrado para que traga isso à luz das discussões mais amplas." (Dirigente Sindical)

4. Participação na escola

O enfrentamento e a superação da divisão do trabalho existente no interior da escola, é o grande desafio no sentido de ampliar a participação dos profissionais da educação nas questões que envolvam a organização do trabalho escolar, bem como a luta por melhores condições desse trabalho. É essa prática coletiva que exige um mínimo de

organização que deverá ser paulatinamente ampliada, no sentido de expressar os anseios da categoria em relação às questões pedagógicas e de trabalho.

Algumas afirmações parecem apontar para uma prática de ampla participação nos processos decisórios no interior da instituição escolar.

"Participo de todas as decisões da escola". **(Pedagoga da rede municipal de ensino)**

"Participo porque acho importante que todos saibam o que acontece na escola".
(Professora da rede municipal de ensino)

"Acho importante participar da vida da escola". **(Professora da rede municipal de ensino)**

"Participo no sentido de dar um retorno do meu trabalho na questão de como os alunos estão". **(Professora da rede municipal de ensino)**

Porém, o que pudemos observar é que todos os entrevistados demonstram-se restritos aos aspectos condicionantes do seu trabalho e a participação limita-se apenas ao que acontece para dentro dos muros da escola onde atua.

Fatores como a carga horária que obriga os professores a um estafante entra-e-sai de sala de aula e de escola, pouco ou nenhum momento de estudo e reflexão, são apontados como motivos que tornam a participação restrita às reuniões que acontecem no interior da escola.

5. Contato do sindicato com a escola

A escola é chamada à participação no movimento sindical, tendo assim a oportunidade de extrapolar sua atuação e compreensão acerca das políticas educacionais vigentes, bem como diminuir o distanciamento das relações entre representantes e representados, tornando o sindicato realmente um canal de discussão e expressão organizada dos anseios dessa categoria profissional.

"O contato é feito através dos representantes que tem em cada escola; reuniões periódicas onde os representantes conversam com os professores e depois na reunião do sindicato levam todas as informações, colocam a situação da escola e as dúvidas existentes". (Professor e ex-dirigente sindical)

"Nós investimos muito em reuniões mensais com o Conselho de Representantes; nós temos o Jornal da Categoria "SISMMANDO" onde nós procuramos usá-lo como um meio de colocar todas as informações e discussões que estão acontecendo sobre educação, que envolvem a categoria, ampliando os assuntos para mantê-los informados.

A nossa proposta que foi discutida no Conselho de Representantes é de abrir um espaço no jornal do sindicato para que as escolas possam mostrar as suas atividades, além das propostas que nós fazemos de encontros culturais onde uma vez por mês nós organizamos esses espaços (Happy Hour) que seriam espaços de lazer e convivência entre os professores.

Há visitas às escolas, sessões plenárias do Fórum Municipal de Educação de Araucária com a ampla participação de todos os profissionais que estão dispensados, no horário de aula, para participar das discussões sobre a educação municipal".

Nos primeiros momentos a gente faz visitas que foram mais constantes no primeiro semestre, no entanto agora estamos envolvidos no Fórum Municipal em Defesa da Escola Pública, o sindicato se envolveu muito, de cabeça para que a gente pudesse ter um Pano Municipal de Educação, acabou que as visitas esfriaram um pouquinho, mas a gente vai retomar, faremos um replanejamento, uma avaliação do planejamento, retomando as visitas porque é importante que o sindicato esteja lá. Eu percebo que o sindicato atua em várias frentes aqui no nosso município, a maioria dos envolvidos pensa que não devemos ficar restritos ao município e sim ir para fora, expandir a atuação e isto causa um desgaste.” (Dirigente Sindical)

Para uma categoria com pouca experiência histórica de mobilização e prática política, o estreitamento das relações entre a escola e o sindicato é fundamental para o fortalecimento e reconhecimento da categoria, onde a participação em estudos, discussões e decisões façam parte de um processo de educação política.

6. Políticas Educacionais

É importante resgatar o processo histórico de construção do Estado, dentro do contexto de maior amplitude das crises do capitalismo, assim como compreender os processos políticos, econômicos e sociais, de forma a evidenciar a singularidade do modelo nacional, articulando-o ao desenvolvimento da democracia e às características próprias da formação política brasileira, que atuam como limites históricos para democratização da escola, ao lado da emergência dos atuais limites que fragmentam o espaço público. Tais limites estão expressos nas declarações dos entrevistados que demonstram a contradição entre o que a lei determina e o que de fato a lei proporciona.

"Tenho conhecimento das políticas educacionais através dos documentos que a escola recebe da Secretaria de Educação". (Pedagoga da rede municipal de ensino).

"As políticas educacionais não são bem claras, tem muita coisa que não entendo e que não há interesse de repasse para o profissional que está atuando; elas estão muito nas mãos do pessoal que está fora de sala de aula". (Professora da rede municipal de ensino).

"Tenho conhecimento das políticas educacionais lendo, participando, argumentando...". (Professora da rede municipal de ensino).

A dicotomia estaria na falta de compreensão destas políticas, por parte dos educadores, ou na falta de participação destes na constituição das mesmas?

Compreendendo a participação como direito legítimo do trabalhador da educação na escola pública, sua omissão ou limitação dentro da atividade educativa deve ser superada, com vistas a iniciar e organizar uma ação coletiva consciente. Para tanto, cabe ao sindicato promover oportunidades de discussão e construção da idéia de representatividade e participação.

7. Participação dos professores no sindicato

Evidencia-se que é, principalmente, através da efetiva prática de participação na escola e no sindicato que se dá concretamente a formação política de uma significativa parcela dos professores da escola pública.

"É essa prática coletiva que impõe desafios a toda a categoria e que exige de boa parte uma reflexão sobre essa tal situação vivida. Reflexão esta que produz um mínimo de conhecimento necessário sobre tal situação, pois, sem isso, planos de ação não podem ser elaborados; reflexão que exige, também, opção diante desses planos, bem como empenho na realização dos que venham a ser aceitos etc. (RIBEIRO, 1995, p. 113-4)

"É importante a participação no movimento sindical porque é de forma organizada e coletiva que as pessoas poderão interferir e ter capacidade ou ter a possibilidade de reivindicar maior participação, maior descentralização das decisões não só da área educacional. É interferindo, é fazendo a diferença no nosso trabalho que nós vamos conseguir interferir na estrutura social maior". (Dirigente sindical)

"Essa caminhada é longa, alguns professores ainda estão batalhando, muitas vezes sempre os mesmos... A categoria precisa avançar no sentido de que as pessoas devem vestir a camisa do sindicato para entender o real sentido da participação". (Professora e ex-dirigente sindical).

"A categoria participa sempre que nós promovemos encontros, inclusive nós temos o Conselho de Representantes, que são os porta-vozes da escola e do sindicato, que fazem esse elo: trazer para o sindicato para ser discutido com a diretoria e com os outros representantes das outras escolas os problemas que encontram e ao mesmo tempo levar essas discussões para as escolas.

Nós acreditamos que a organização por local de trabalho deve ser fortalecida e o trabalho com os representantes é fundamental para isso. Os professores quando percebem o retorno, quando falam são ouvidos, se consideram os pontos que eles levantam, eu acho que isso aumenta a participação, porque ninguém fala para quem não quer ouvir". (Dirigente sindical).

"Como professora eu tenho que participar do sindicato para ver o que é bom para mim e o que não é". (Professora da rede municipal de ensino).

"Em Araucária, eu acho que o sindicato está agindo, poderia ser melhor, mas são os próprios professores que não ajudam, que não participam. Muitas vezes não participam nem da vida da escola, acham que estão ali só para cumprir o seu papel como um outro

profissional, como se fosse um operário que chega às oito horas, trabalha com a máquina e acabou. Não houve aquela mudança, o nosso papel não é igual ao do operário, temos que atuar como a sociedade está exigindo, lutar pelos nossos direitos. Mas nós não estamos colocando isso para as pessoas no nosso ambiente de trabalho, estamos apenas repassando o que está no livro." **(Professora da rede municipal de ensino).**

Dentre os entrevistados encontramos professores que afirmam não participar ou se interessar pelo sindicato, devido a falta de uma experiência inicial de participação numa prática mais organizada de discussão e enfrentamento dos problemas que afetam a categoria.

"Não participo porque não me identifico". **(Pedagoga da rede municipal de ensino).**

"Sou filiada apenas para ter a vantagem de usufruir de um plano de saúde bom com um custo mais baixo". **(Pedagoga da rede municipal de ensino).**

"Os professores só procuram o sindicato com o objetivo de ter vantagens: plano de saúde, empréstimo, etc." **(Professora da rede municipal de ensino).**

8. Atuação / função / importância do sindicato

Historicamente, sabe-se, que os limites de atuação das atividades sindicais são por demais estreitos. O que vem se ampliando significativamente é o nível de participação e comprometimento dos profissionais da educação, de forma coletiva e organizada, nas questões inerentes às condições de trabalho dessa categoria. Essa crescente mobilização tem fortalecido o papel desempenhado pelo sindicato.

"Tenho conhecimento do sindicato; sua função é representar a classe esclarecendo dúvidas aos sindicalizados e à comunidade".

"Sei que a função do sindicato é defender os meus direitos".

"É boa a atuação do sindicato pelo que ouço falar".

"O sindicato é importante porque sempre está se preocupando em organizar eventos voltados à educação e fazer o melhor, sem o sindicato não teríamos acesso a tantas informações". (Professora da rede municipal de ensino).

"O sindicato é importante na hora de representar a classe nas suas reivindicações". (Pedagoga da rede municipal de ensino).

"Conquistas salariais e melhores condições de trabalho". (Professora e ex-dirigente sindical).

"Estão representando bem e só pretendem melhorar". (Professora da rede municipal de ensino).

"O sindicato somos todos nós, precisamos lutar e garantir os nossos direitos, não estamos aqui para fazer caridade, somos profissionais. Essa é a função do sindicato, não de uma pessoa, mas de todos". (Professora da rede municipal de ensino).

A visão do sindicato:

"Vejo que a atuação do sindicato é fundamental, porque a educação não pode ser entendida como neutra, nós temos que ter posições e essas têm que ser claras, políticas; se

nós entendemos a educação como forma de intervenção e transformação das relações injustas que nos recriminamos e condenamos, então nós temos que ter uma atuação super ativa, tentando dar a nossa contribuição dentro dessa idéia de que todos devem participar dando a sua contribuição, impulsionando, fortalecendo o movimento sindical que existe para organizar os professores para que não só sejam defendidos os interesses da categoria, mas que seja vista a questão da educação como uma forma de poder”.

(Dirigente sindical).

A idéia de representatividade:

“ O sindicato somos nós, se em cada escola tiver uma ou duas pessoas que possam esclarecer, possam ajudar as pessoas para que conheçam e atuem no sindicato será bem melhor. É o caminho que precisamos seguir”. **(Professora da rede municipal – ex-dirigente sindical)**

A necessidade da atuação e prática consciente:

“Senti necessidade de ir além da sala de aula de conhecer e lutar pelos nossos direitos, ter consciência do que é militar, das decisões do governo para poder criticar”.

Alguns fatores que limitam a formação/ participação:

“ A falta de consciência do professor interfere na atuação do sindicato; estes deveriam ser chamados à participar dos cursos de formação sindical para dar o devido valor ao sindicato”. **(Professora da rede municipal de ensino)**

“O professor acha que o acúmulo de certificados o torna auto-suficiente e não assume uma postura, contribui pouco porque não conhece a origem do sindicato”.

(Professor e ex-dirigente sindical)

A necessidade de busca do coletivo:

“Cinco anos após estar atuando na escola pública, vi a necessidade de entrar numa Associação de Professores. No primeiro ano de trabalho participei de greve por entender que o grupo estava lutando, unido. Vimos conseqüências: processos administrativos, demissões... deu para ver que não era uma coisa fácil de lidar na época (1988); sempre participei das assembleias da APA (Associação dos Professores de Araucária), na época, as reuniões eram no sábado, pois não aconteciam no período letivo, até para testar o nível de participação; nunca deixei de participar, sempre fui muito ativa em todas as questões. Mais tarde a APA se torna sindicato devido ao crescimento do Município e conseqüentemente ao aumento do número de professores, passamos pela transição, aquisição da sede, eleição”. **(Professora e ex-dirigente sindical da rede municipal de ensino).**

A visão mais ampla de mundo leva a uma participação mais efetiva:

“Sinceramente eu acho que não tem relação, no sentido de formação enquanto escolarização. A gente vê que quem tem uma atuação em tudo o que está sendo discutido, seja na escola ou num âmbito mais abrangente, tem maior clareza, se posiciona melhor. Ao contrário de quem se nega a participar, ou fica no mundinho restrito da sala de aula, dar aula, ir para casa e cuidar dos filhos, nós percebemos que essas pessoas têm um nível de

participação / atuação mais restrita. O professor que participa tem uma postura definida, uma visão do que quer, ao contrário de muitos que vão conforme a onda leva”.

9. Fatores que dificultam a atuação sindical

Os sindicalistas apontam alguns fatores que dificultam uma atuação sindical mais ampla e objetiva.

O fator assinalado em primeiro lugar foi a estrutura do sindicato, onde o problema da falta de recursos humanos disponíveis para o desenvolvimento das atividades sindicais sobrecarrega os poucos que são liberados para atuar à frente do sindicato.

"O que dificulta a ação sindical é a questão da estrutura do sindicato, onde há poucas pessoas para desenvolver um trabalho de maior qualidade, maior abrangência. A estrutura do sindicato poderia ser melhor, deixa a desejar. São apenas quatro liberados, a partir desse ano, dessa gestão, é que eu estou o dia todo, mas nas outras eram apenas quatro liberados em 20 horas, sendo que as reuniões, as atividades não acontecem só em um período e para estarmos envolvidos fica complicado, já que em outro período nós temos que assumir atividades em outros municípios, ou na rede particular, e conciliar as atividades sindicais com as atividades de outras escolas, fica muito complicado, pois cada local de trabalho exige uma certa dedicação e certa responsabilidade.

O segundo fator apontado pelos sindicalistas diz respeito a participação efetiva da categoria junto ao sindicato. Estes mencionam a falta de prática política enquanto ação

humana direcionada à luta de melhores condições de trabalho e conseqüentemente uma melhor formação política dos professores.

“Em relação à categoria, realmente a dificuldade de atuação seria a questão de chamar as pessoas à participação para que sintam a necessidade de participar efetivamente, não só estar presente fisicamente mas que contribuam, que critiquem, que dêem sugestões, essa é a maior dificuldade, porque até espaços nós conseguimos criar lá no sindicato.”

“Acho que uma certa mesquinharia da categoria em relação a não participação,, mas acredito que o jornal e a formação pedagógica e sindical vai fazer com que a categoria comece a crescer e a partir deste momento ela vai participar, senão ficam uns iluminados na frente e a categoria lá... nem sabendo o que está acontecendo, entendeu? Os iluminados que eu falo é a diretoria, que a gente às vezes se acha iluminado, é preciso que se olhe no espelho e diga: eu não sou iluminado, eu tenho minhas fraquezas, meus problemas, não posso jogar tudo para o alto e ficar só aqui; é engraçado porque se eu fico em casa, já começo a me espinhar alguma coisa, acho que eu tenho que estar aqui (risos). Hoje eu acho que clareou para mim um monte de coisas, a convivência com as pessoas que às vezes se torna difícil, porque você tem uma opinião e outros têm outra, e isso dá uma canseira, mas é paciência que você tem que ter e você ceder por um lado e as pessoas cederem de outro, e aí você vai costurando, isto é uma coisa construída devagarinho, você tem que se moldar também, porque às vezes a gente tem o ímpeto de dizer que eu tenho razão e a outra não tem e daí vem o choque de idéias e discussões, mas isto também faz parte do amadurecimento de todos”. (Dirigente sindical)

Por último, os sindicalistas apontam a falta de reconhecimento por parte do Poder Público para com as desencadeadas pelo sindicato. O governo enquanto organismo dotado de um poder legitimado pela estrutura social que está posta, coloca-se acima dos interesses e discussões provocadas pelas ações sindicais.

“Com relação ao Estado, essa facilidade que as pessoas que estão no poder têm de rotular o sindicato, que todo mundo é petista, então com isso fecha a discussão, o diálogo. É complicado nesse sentido. Se nós fazemos algum movimento como na campanha salarial, nós fizemos passeata pelas ruas; esse simples gesto foi considerado pela Secretaria de Educação como uma "palhaçada", um fato que estava agredindo muito a atuação deles.

Ao mesmo tempo que conseguimos uma certa democracia, a compreensão do que é democracia é muito diferenciada". (Dirigente sindical).

“Com relação ao Estado, participamos no sentido de sair daqui e ir para outro sindicato, com a APP Sindicato, temos bastante contato com eles. A relação estabelecida entre o nosso sindicato e o poder público municipal não é tranqüila, é humana, é cordial no sentido de que há respeito nas relações humanas, mas não é muito tranqüila não, até porque nós temos um prefeito hoje que era da ditadura militar e ele parece não compreender muito que o mundo mudou e que as pessoas têm direito à voz, direito à participação e tal, então a gente está sempre no campo do confronto da idéias e isto pra gente é interessante, porque ou você se une, ou você se arrebenta, entendeu? Como o poder está constituído em alguns partidos, principalmente o PFL, ou outros partidos de direita, eles têm uma coisa assim, quando um vai todos parecem que vão e também não questionam muito. Nós que nos dizemos da esquerda, também temos uma grande

dificuldade em nos unir, tanto na parte sindical, como na parte político partidária mesmo, então a gente tem confronto de idéias, inclusive entre a gente e acaba tendo rachas em alguns momentos e isto enfraquece, apesar da gente se cuidar, da gente tentar dialogar. Mas acontece, por exemplo, a APP Sindicato teve racha até na diretoria, nos encaminhamentos da diretoria e isto não é bom. Confrontar idéias é bastante interessante, porque você cresce, o que não se pode deixar é que o teu projeto pessoal venha acima do projeto coletivo, porque daí é a minha tendência, é a minha concepção, sou eu que represento um grupo e que quero passar de trator em cima de você. Daí você entra no campo da vaidade política, e infelizmente eu posso dizer que mesmo um partido de esquerda que pensa na questão democrática, participativa mais ampla, não consegue estar no poder, em alguns momentos é porque não há este entendimento da base e isto está muito presente dentro dos sindicatos, não estou dizendo aqui, ainda temos o diálogo, bastante claro e se tiver que quebrar o pau quebra aqui mesmo, mas depois estamos conversando de novo, isto é ser humano. É natural que enquanto seres adultos, sejamos intransigentes em alguns momentos, todos nós, é preciso que estejamos fazendo um exame de consciência o tempo todo senão a gente acaba subjulgando o outro a nosso favor e aí não é democracia, é ditadura novamente, mesmo que seja de esquerda". (Dirigente sindical)

"Ameaças por parte do Poder Público, não se tem conversa; é por escrito; falta comunicação; diretores que interferem que não liberam o professor". (Professora e ex-dirigente sindical).

É preciso, portanto, que o sindicato busque o fortalecimento da relação do sindicato com a escola para que juntos possam lutar, lutar de forma organizada, para que a força do coletivo consiga suprimir a ditadura do poder.

Que o sindicato sirva de instrumento para o enfrentamento das contradições que vão se desenvolvendo e que os profissionais da educação desenvolvam uma ação política efetiva que lhes possibilite avançar no grau de compreensão de sua condição de trabalhador numa sociedade constituída sobre o modo de produção capitalista.

10. Conquistas concretizadas

Segundo os entrevistados muitas são as conquistas do Sindicato em prol da categoria, embora, tenha ficado claro nas "conversas paralelas " que há divergências no entendimento da importância, quantidade e qualidade destas conquistas.

"Um papel relevante que o sindicato vem desempenhando é a capacidade de negociação - o executivo ouvindo o sindicato confrontando informações, bem representando a categoria. Essa gestão atual fez-se reconhecida pelo executivo, respeitada". (Professor e ex-dirigente sindical da rede municipal de Araucária).

"Grandes conquistas foram realizadas pelo sindicato:

- representantes em cada escola;*
- assembléias dos representantes, elo de comunicação, diminuindo a distância entre a escola e o sindicato;*
- eventos que buscam a participação do professor.*

O que ainda temos que conquistar é o respeito do Poder Público e uma maior participação dos professores". (Professora e ex-dirigente sindical da rede municipal de ensino).

"Nós temos discutido bastante a questão da formação com os professores/pedagogos, porque às vezes, nós já fizemos a análise, outros servidores públicos consideram e valorizam muito mais o sindicato do que os professores. Diante dessa constatação, nós estamos propondo aulas sobre cidadania para que os professores trabalhem com os seus alunos. A primeira aula foi organizada justamente sobre a questão "qual é o papel do sindicato, tentando resgatar o que é ser cidadão e ter cidadania, seus direitos, se conhece o Conselho Escolar da escola do seu filho, os vereadores, acompanha o trabalho do prefeito, participa de alguma associação de moradores, etc... Com essas aulas, percebemos que hoje há maior clareza por parte dessas pessoas (comunidade e professores).

A proposta para este ano é trabalhar a questão da representatividade, em todos os níveis, desde o aluno em sala de aula até o representante do sindicato; o que é, qual é o seu papel; quando sai da escola o que vai fazer. Essa é uma forma de estar afirmando a importância desse órgão de representação, que na verdade, nós propomos a representar os professores os pedagogos do município, mas quando nós estamos lutando por uma escola pública, gratuita, de qualidade, nós estamos principalmente defendendo o direito do usuário, que são todas as pessoas que precisam dela, para que possa ter acesso".
(Dirigente sindical).

11. Conquistas necessárias

O sindicato demonstra clareza de que a grande conquista é levar o professor à participação efetiva junto a este órgão de representação; é preciso romper com a apatia e a passividade que tomaram conta de grande parte desses profissionais, o que os levou a um imobilismo diante da participação e compromisso político para com as classes que atendem.

"É preciso preparar os professores proporcionando cursos de formação sindical para esclarecer melhor a categoria". (Professor da rede municipal / ex-dirigente sindical).

"Data base para que sejamos reconhecidos como categoria"¹. (Professor e ex-dirigente sindical).

"Eu acho que a conquista maior que a gente tem que investir é na participação efetiva de todos os sindicalizados e que a comunidade entenda o papel do sindicato, qual é a finalidade para que nós tenhamos um projeto do sindicato que vá ao encontro de um projeto para a educação, que seja transformador e não da manutenção do que está aí, muitas injustiças sociais e muita exploração cada vez mais "escancarada" e que às vezes a gente fica assistindo "comendo pipoca em casa", pela televisão, e não faz nada para alterar essa situação.

(1) Com relação a esse depoimento faz-se necessário um esclarecimento de que a categoria já possui data base, o que se verifica na prática é o descumprimento desta por parte do poder público.

Esse é o papel principal, a conquista, nos preocupar em mobilizar ainda mais toda a comunidade em geral para que defenda a escola pública, gratuita e universal que nós defendemos tanto". (Dirigente sindical do SISMMAR).

"O papel fundamental do sindicato junto com a categoria é possibilitar o acesso à formação política, sindical, pedagógica, enfim, tudo o que a gente puder ter claro de que é importante tem que trazer e não só pra categoria, eu vejo além. O sindicato hoje participa na UFPR de um projeto que o ano que vem a gente pretende trazer aqui e que vai atingir a comunidade, os pais que atuam nos Conselhos Escolares que dentro da Gestão Democrática devem ser amplos e participativos, então a gente precisa ter formação, além disto o sindicato está atuando na formação dos Grêmios Estudantis.

O sindicato tem que atuar em várias frentes, com a formação dos professores, pais e alunos. Temos mais um ano e um Congresso pela frente pra tentar mudar isso, mas se a gente não conseguir vai gerar um pouco de frustração, no entanto não depende só de mim, depende de um coletivo maior. O que não pode acontecer é projeto pessoal, o sindicato não é trampolim pra outras coisas. É preciso envolvimento, mesmo que seja, às vezes um trabalho burocrático. Para a categoria isto não fica claro. Quem sabe seria interessante a proposta de que a cada um mês ou a cada quinze dias, o sindicato se mudasse para uma escola, não sei se temos condições disto, é preciso organização. O sindicato tem que estar mais dentro da escola, mostrando a cara, para que a categoria fique mais por dentro e que não venha aqui só para reclamar. Com relação à representação, a gente tem um ou dois representantes por escola, uma vez por mês eles vem ao sindicato e fazemos uma série de repasses, dentro de uma gestão democrática o representante vai também fazer parte da diretoria, ela vai se constituir em diferentes coordenações onde todos serão importantes, isto na teoria porque na prática, precisa haver mudança de conceito de representatividade.

Algumas escolas precisam avançar nesta representatividade, o sindicato também precisa formar estes representantes". (Dirigente sindical)

12. Formação acadêmica x participação: - influência na formação política

O professor, no decorrer da sua trajetória acadêmica, não dispôs de uma visão teórica abrangente sobre como atuar frente as questões concretas impostas pelo dia-a-dia da escola. Ao invés da teoria e a prática dinamicamente articuladas, o que esse profissional recebeu foi um ensino fragmentado e descolado da realidade.

Frente a este quadro histórico, esse professor precisou pensar formas de avançar em relação à sua formação acadêmica, seja na busca de uma formação em serviço, seja em espaços oportunos para a reflexão coletiva e o aprimoramento constante da sua prática pedagógica. Essa busca amplia o grau de participação desse indivíduo mediado pela sua formação teórica e fortalecido pelo órgão representativo da categoria

Evidencia-se, assim, a relação entre formação acadêmica e efetiva participação:

"Desde que comecei a fazer a faculdade de Pedagogia, eu comecei a me envolver mais diretamente com a questão sindical. Quando eu trabalhava, a primeira atuação que eu tive foi em uma escola particular de Educação Infantil e nesse tempo eu não fazia nenhum curso e não tinha informações sobre as atividades do sindicato, ninguém ficava sabendo e não participava. Foi depois que eu entrei na rede municipal de Curitiba, 1989, que comecei a participar das assembléias do sindicato dos professores, me filiei e mais tarde como representante da escola perante este sindicato.

Após a formação superior, em 1994 fui trabalhar em Araucária, sem ter, no início, uma participação direta no sindicato, mas sempre procurando participar. Em 1995, já

como base sindical, fui à Brasília fazer várias reivindicações num movimento que teve. Em 1996, comecei a fazer parte da diretoria (ainda não como liberada) mas sempre estava em todo o espaço de discussões sobre a educação (PCNs/ Plano Nacional de Educação).

Assim, considerando as posições aqui evidenciadas, pode-se entender que a formação política dos professores se dá na prática, isto é, na *"ação material, objetiva, transformadora"*. (VÁSQUEZ, 1977, p. 213).

Sendo assim, há de fato a necessidade de uma ação coletiva e organizada tendo em vista a busca de melhores condições de vida, de trabalho, da qualidade de ensino, da melhoria da escola pública e a garantia de acesso daqueles que cada vez são mais excluídos do sistema escolar.

Portanto, enquanto profissional, o professor se forma também na organização sindical. Por ter, muitas vezes, uma formação acadêmica frágil e fragmentada, há a necessidade de um constante repensar da sua prática, tendo como objetivo ampliar a sua visão de mundo, bem como levar-se a participar das lutas que transcendem as paredes da escola.

Na luta por sua própria organização, o professor não se dá conta dos conflitos e contradições que o distanciam da luta pela transformação que prega, sem aperceber-se de que, ele, também é indivíduo dessa coletividade alijada de suas reais condições de cidadania.

Não somente a escola constitui espaço de processos educacionais, que têm como finalidade a construção de alternativas solidárias, igualitárias e plurais de convivência humana. A tão sonhada qualidade da educação (e de vida!) constitui trabalho de toda a sociedade. Ações internas e externas ao espaço escolar devem se complementar para construir condições de realização da transformação social.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

No decorrer desse estudo, pretendeu-se conhecer a influência que as determinações de uma sociedade baseada no modo de produção capitalista exerceu sobre a educação dos homens, investigando especificamente, profissionais que atuam em uma rede municipal de ensino, como ponto de partida para a abordagem da formação política do educador atuante na escola pública de ensino fundamental. Nesse contexto, tinha-se como pressuposto que a grande maioria dos intelectuais atuantes no interior da escola pública, foram preparados no decorrer da vida acadêmica, para atender e reproduzir, através da prática pedagógica, a ideologia dominante. Não lhes foi dada, de modo geral, a oportunidade de elaborar o seu pensamento, além daquele fortemente marcada pela ideologia burguesa.

Sendo assim, a formação do educador da escola pública estaria historicamente marcada por um processo de desqualificação que faria com que ele perdesse a clareza do seu papel enquanto intelectual dirigente. Considerou-se como hipótese de trabalho que o resgate de uma formação continuada e de uma participação mais efetiva nos processos decisórios, poderia ser uma das fontes para se chegar a um efetivo compromisso político para com a classe trabalhadora. Nesse sentido, considerava-se ser essencialmente necessária a apropriação de conhecimentos criticamente elaborados por esse educador para que desempenhasse o seu papel de mediador entre o saber e a clientela a que atende - os filhos da classe trabalhadora - instrumentalizando-a para que, por sua vez, pudesse reelaborar sua visão de mundo e, assim tornar-se um cidadão crítico e atuante na sociedade.

O que procurou-se averiguar, neste estudo, foi a necessidade de o educador buscar uma formação mais ampla, não só a de nível acadêmico, mas também uma formação

política que se dê através de uma prática coletiva, atuante, reflexiva sobre os condicionantes históricos que levaram ao empobrecimento político, de organização, de direção e conseqüentemente de ação, por parte desse profissional da educação.

"É essa prática coletiva que impõe desafios a toda a categoria e que exige de boa parte uma reflexão sobre essa situação vivida. Reflexão esta que produz um mínimo de conhecimento necessário sobre tal situação, pois, sem isso, planos de ação não podem ser elaborados; reflexão que exige, também, opção diante desses planos, bem como empenho na realização dos que venham a ser aceitos, etc." (RIBEIRO, 1995, p. 113-14).

Nas entrevistas realizadas pode-se observar que, é preciso buscar um estreitamento das relações entre o espaço de trabalho (escola), os profissionais que nela atuam e o espaço de luta, conquistas, reflexões, apoio e fortalecimento das ações coletivas, entre outros, o sindicato, sendo este último, um importante organismo de educação política, bem como um dos instrumentos que pode viabilizar a concretização das ações coletivas.

"É essa prática coletiva que exige um mínimo de organização... É nesse processo que antigas lideranças se somam às novas e se multiplicam..." (RIBEIRO, 1995, p. 114).

Longe de ser um espaço neutro, a instituição escolar, no contexto que está inserida, precisa caminhar de forma organizada preocupando-se em evitar a cooptação como meio de ajuste dos desarranjos e conflitos promovidos pelas contradições das desigualdades sociais. É preciso atentar para o perigo da representação pois, uma vez eleito o representante, os interesses do segmento representado podem ficar à margem do rompimento das estruturas verticalizadas e centralizadas que, burocraticamente, reduzem essa participação em mera presença física, que pouco ou nada contribui para a constituição de sujeitos coletivos, que

possam garantir uma organização capaz de transformar o que está posto, através da representação política e decisória.

Nesse sentido, buscou-se verificar como os profissionais da educação vêem a importância da formação política do educador e do seu compromisso político para com a classe trabalhadora, no sentido de instrumentalizá-la para a superação da sua condição de classe dominada, excluída e explorada, garantindo através de uma prática coletiva e organizada, sua participação no processo de construção de uma nova sociedade.

Dentre as manifestações dos entrevistados, consideramos fundamental destacar alguns aspectos:

- a transformação social tão sonhada pela maioria da população, exige uma "paciência histórica", que inclui condições objetivas e subjetivas desencadeadoras dos processos de mudança bem como uma luta constante de todos os segmentos da sociedade;
- a formação política se constrói com o trabalho coletivo, envolvendo os diferentes segmentos sociais, não se constituindo, porém, como único elemento para garantir a transformação social;
- os valores vivenciados na escola e no sindicato se derivam e estão intimamente relacionados com os ideais que cada grupo social elabora historicamente sobre si mesmo e sobre seus integrantes, visando garantir sua hegemonia, isto é, sua preponderância sobre os demais valores;
- os valores que constituem a instituição escolar e sindical não são neutros, eles representam a sociedade contraditória na qual estão imersos;
- os fins, princípios e métodos definidos para a formação política e educacional são expressão das disputas de interesses políticos dos diversos setores da sociedade;

- a dimensão humanizadora e as possibilidades de troca e comunicação são inerentes ao ato de trabalho como prática social, fazendo-se necessária a compreensão de que os trabalhadores, no seu local de trabalho, tenham a possibilidade de se apropriarem construtiva e criticamente do conteúdo e do contexto de realização do próprio trabalho.

Ao finalizarmos esse trabalho entendemos serem necessárias investigações que tomem cada um desses aspectos como foco para uma melhor compreensão das relações entre o sindicato e a escola na formação ampla dos educadores das escolas públicas brasileiras.

Entendemos portanto que, enquanto sujeitos coletivos, os trabalhadores em educação estão se construindo e se qualificando em seu espaço de trabalho, tendo como pressuposto que tal espaço cotidianamente, apresenta uma dinâmica social de embates, reivindicações, conflitos, negociação, qualificação e formação, apesar das condições alienantes e alienadoras do trabalho sob a "rédea controladora do capital".

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- 01- CURY, Carlos R. Jamil. **Educação e Contradição**. São Paulo: Cortez, 1989.
- 02- ENGUITA, Mariano F. **Trabalho, escola e ideologia : Marx e a crítica da educação**.
Porto Alegre : Artes Médicas Sul: 1993.
- 03- GADOTTI, Moacir. **Educação e Compromisso**. Campinas: Paperus, 1988.
- 04- GRAMSCI, Antonio. **Os Intelectuais e a Organização da Cultura**. 4 ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1982.
- 05- KUENZER, Acácia Zeneida. **Ensino de 2º grau : O trabalho como princípio educativo**. 2 ed. São Paulo: Cortez, 1992.
- 06- _____. **Planejamento e educação no Brasil**, São Paulo: Cortez, 1990.
- 07- _____. **Pedagogia da Fábrica : As relações de produção e a educação do trabalhador**. São Paulo: Cortez, 1985.
- 08- MELLO, Guiomar N. **Magistério de 1º grau : da competência técnica ao compromisso político**. 7 ed. São Paulo: Cortez, Autores Associados, 1987.
- 09-NUNES, A . C. **A natureza do trabalho docente como mediação da relação orgânica entre sindicato e escola**. UFPR, Curitiba : 1998 (Dissertação para obtenção de grau de Mestre).
- 10- RIBEIRO, Maria Luiza. **A formação política do professor de 1º e 2º graus**. Campinas, S.P: Autores Associados, 1995.
- 11- SAVIANI, Demerval. **Pedagogia Histórico-crítica : primeiras aproximações**. São Paulo: Cortez, 1991.
- 12- SILVA, Ezequiel Theodoro da. **O professor e o combate à alienação imposta**. São Paulo: Cortez, Autores Associados, 1989.

13-SILVA, Jefferson Idelfonso da. **Formação do educador e educação política.**

São Paulo: Cortez, 1992.

14- VASQUEZ, Adolfo Sánchez. **Filosofia da Praxis.** 2 ed. Rio de Janeiro: Paz e

Terra, 1997.